Estado Atual das Pesquisas em Artes Plásticas no Ceará (*)

José Liberal de Castro

1. LIMITAÇÕES DO ACERVO DE OBRAS DE ARTE

Algumas dificuldades têm-se anteposto à realização de pesquisas em artes plásticas no Ceará, dentre as quais sobressaem as seguintes:

- inexistência de arquivos especializados;
- falta de dados ou manuseio de dados incompletos ou confusos;
- falta de pessoal habilitado em pesquisas, ou pior, falta de gente profissionalmente interessada na matéria;
- limitação relativa do acervo de obras de arte em quantidade e valor.

Para desenvolvimento dos itens acima relacionados, inverteremos a ordem de apresentação, objetivando melhor clareza expositiva.

1.1. – UM POUCO DE HISTÓRIA

As limitações do acervo cearense de obras de arte procedem diretamente dos empecilhos econômicos com que a região se tem defrontado secularmente.

Em épocas mais remotas, jamais se desenvolveram no Ceará atividades altamente lucrativas, tais como a lavra de minerais preciosos, a implantação a agroindústria do açúcar ou o plantio amplo do café, apenas para citarmos alguns daqueles produtos que serviram de

base ao enriquecimento de áreas nacionais em diferentes períodos da história brasileira.

A pecuária extensiva

O litoral do Ceará, arenoso e marginado por dunas movediças, sem portos naturais e sem contar com desaguadouros de rios perenes, não atraiu os plantadores de cana-de-açúcar dos primeiros séculos. Deste modo, o território cearense conheceu ocupação tardia, iniciada pelos sertões, e ocorrida somente ao longo do século XVIII, à custa da pecuária extensiva. Assim, durante o setecentos, verificou-se uma ocupação de fraca densidade populacional e de baixa rentabilidade econômica, quadro este agravado por uma grande seca ao fim do século, causadora de danos irreparáveis, dizimando gente e gado.

O algodão

Embora continuasse economicamente ligado à pecuária extensiva, o Ceará do século XIX tentou enveredar pela opção agrícola, fazendo expandir o cultivo do algodão, já florescente no Maranhão e em Pernambuco. Alastrando-se em vastas áreas do território da província, o algodão cearense logo se tornou conhecido por sua fibra longa e macia, de fácil aceitação nos mercados internacionais, particularmente na Grã-Bretanha. Sustentáculo da economia local por quase século e meio, apesar dos percalços, o Ceará chegou a desenvolver uma produção algodoeira que figurou por muito tempo como a maior do País.

Durante aquele período de "leite e mel", como diz o cronista João Brígido, o Ceará também buscou outros modos de produção agrícola. No começo do oitocentos, a valorização do preço internacional animou a produção do açúcar. A limitação de terras apropriadas fê-la porém restringir-se ao fabrico do açúcar dito mascavo, de baixa qualidade, porém compensado pela intensiva produção da rapadura e da aguardente. Também ocorreu a introdução do café no alto das serras úmidas, plantado à sombra. Impossibilitada de expandir-se territorialmente, a produção cafeeira, apesar da excelente qualidade, acabou entrando em decadência, perdendo-se o renome que o "café de Baturité" havia granjeado no Ceará e nas províncias do norte.

Foi, portanto, à custa do algodão que o Ceará conheceu relativo progresso nos decênios centrais do século XIX, sem dúvida ajudado pela ocorrência de raras e distanciadas secas. Como comprovação, basta lembrar que a população da província se elevou de 150 mil para

750 mil habitantes em 50 anos! Entretanto, esse período de bonança desgraçadamente encerrou-se de forma trágica, ante a mais violenta das secas que o Ceará enfrentou, prolongada por três anos, entre 1877 e 1879. Nova seca ocorreu em 1888, outra, em 1900 e, mais outra, em 1915.

As obras contra as secas

A criação de serviços federais permanentes contra a ação das secas (**), procedendo desde então à açudagem e à abertura de rodovias, não eliminou as estiagens, mas evitou as conseqüências trágicas da alta mortandade à fome ou por epidemias. A presença de vários organismos federais no Ceará melhorou a qualidade dos processos técnicos, contribuindo para o desenvolvimento da área, entretanto sem conseguir modificar a arcaica estrutura sócio-econômica, geradora do alto grau de pobreza da população.

A ação dessas agências federais de desenvolvimento passou a injetar dinheiro destinado a investimentos reprodutivos e a serviços necessários. Infelizmente, os objetivos dos programas muitas vezes não têm sido alcançados, seja por envolverem empreendimentos condensados nas mãos de uns poucos, seja por se centrarem em obras de emergência ou por procederem de projetos mal elaborados (isto para não se falar nos casos de declarada desonestidade). Ainda assim, consoante um ponto de vista meio cínico, quaisquer desses recursos são sempre benvindos, desde que, de uma forma ou de outra, permaneçam no Estado...

O crescimento da Capital e o presente

A resultante negativa desse modo de concentração da pouca riqueza acumulada tem sido um processo de urbanização descapitalizada, provocando a macrocefalia urbana fortalezense, começada a evidenciar-se em meados deste século. Apesar da não participação econômica da grande maioria de seus habitantes, envolvidos por altos índices de pobreza, a capital cearense adquiriu dimensões de cidade grande, com uma população que beira os dois milhões de pessoas. Uma faixa estreitíssima desse total desfruta de um padrão de vida material elevado, figurando como um mercado flutuante em que se tem apoiado a expansão do consumo de obras de arte e a realização de uma arquitetura vinculada à especulação imobiliária, setor este de maciços investimentos, tanto no Estado como no resto do País.

1.2. – A PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Uma vez apresentado, embora de modo conciso, este enquadramento histórico, tentaremos fazer algumas considerações sobre a formação do acervo artístico cearense, bastante limitado, aliás, quer no valor quer na quantidade, principalmente quando posto em confronto com outras áreas brasileiras.

Primórdios

O período colonial (e suas extensões formais, que atingem meados do oitocentos), entregue às atividades dispersoras da pecuária extensiva, conheceu raras obras de pintura e de escultura. Subsistem pinturas de forro nas capelas-mores das igrejas matrizes do Aquirás e da Viçosa, além de relevos pintados na igreja do Menino Deus, em Sobral. Em algumas igrejas havia imagens antigas de maior vulto (muitas hoje desaparecidas), mas o comum do acervo compreendia imaginária de uso doméstico, de pequeno pórte. As de factura mais cuidada vinham do Maranhão ou de Pernambuco, às vezes de Portugal (trazidas pelos imigrantes), porém, em maior parte, tinham procedência nitidamente popular. Documentos antigos falam de toreutas portugueses em atividade nos sertões durante o século XVIII, cujas obras infelizmente foram destruídas.

Pelas qualidades artísticas e iconográficas, impõe-se uma referência às gravuras que apresentam o forte de São Sebastião, construído pelos portugueses na barra do rio Ceará em 1612 e conquistado pelos holandeses em 1637. A mais antiga dessas gravuras mostra a data de 1645 e está assinada por Frans Post (1612-1680). Conjuntamente com uma planta do sítio (estampas 24 e 25), consta do livro **Rerum per octennium in Brasilia...** (Amsterdam, 1647), da autoria de Kaspar van Baerle, dito Barlaeus (1584-1648), e escrito como panegírico às atividades de Maurício de Nassau no Brasil. Essa gravura mostra o forte em perspectiva **à vol d'oiseau**, tratando-se provavelmente de uma versão aproximativa da realidade, mesmo porque é quase certo jamais Frans Post ter visitado o Ceará. Variante dessa mesma gravura, existe outra em que o forte aparece mais perto de espectador, segundo uma linha do horizonte bem baixa, junto ao nível do rio. Encontra-se inserida no livro de Arnoldus Montanus (1625-1683) intitulado **De Nieuwe en Onbekende Weereld: of Beschryving van America en 't Zuid-Land...** (O Novo Mundo descoberto: ou a descri-

ção da América e da Terra Meridional/Amsterdam, 1671, p. 470/471), obra que também homenageia Nassau. Como a aparência material do forte de São Sebastião nos chegou por intermédio das duas gravuras holandesas, estas figuram muitas vezes em publicações cearenses confundidas com uma fortificação holandesa, o forte Schoonenborch, construído por Matias Beck em 1649, consoante projeto do engenheiro Richard Carr e localizado a mais de uma légua a leste, à margem do riacho Pajeú. O forte de São Sebastião foi erguido por Martim Soares Moreno, talvez segundo risco de Francisco Frias de Mesquita, nome famoso na arquitetura luso-brasileira, autor do projeto do forte dos Reis Magos, em Natal, e do trecho primitivo do mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro. Anteriormente, no mesmo local havia existido o reduto de São Tiago, levantado por ordem de Pero Coelho de Sousa, em 1603/4, de acordo com projeto atribuído a Baccio da Filicaia.

Arquitetura de feição colonial

No Ceará, pelo menos no campo da arquitetura mais antiga, as obras jamais perdem o caráter popular, mesmo aquelas com alguma pretensão estética (no caso, as igrejas). Compreende-se, portanto, que em tal contexto a periodização cronológica e a estilística obtenham reduzida importância. Assim se justifica o título deste tópico, pois, na verdade, a organização do espaço e os processos construtivos dos dias coloniais atingem, sem alterações, o começo da segunda metade do oitocentos, aliás permanecendo, sob muitos aspectos, ainda hoje utilizados nas realizações dos estratos inferiores da população.

A insegurança reinante nos sertões durante o setecentos exigia a edificação de moradas compactas, com pouca fenestração. Somente com o exercício de uma vida sedentária, proporcionada pelas tarefas agrícolas do plantio do algodão, os primeiros anos do século XIX assistem à construção de inúmeras casas de fazenda alpendradas, cuja plástica mostra uma aparência inconfundível. Data da segunda metade do setecentos e dos decênios iniciais do oitocentos a maior parte das velhas igrejas cearenses, cujo aspecto físico nas mais das vezes se transformou com o passar do tempo, por via de ampliações e reformas. Em quaisquer circunstâncias, são edificações despojadas de riquezas ornamentais, obras singelas dos construtores anônimos dos sertões. Significação especial ganham as numerosas casas de câmara e cadeia, algumas delas hoje tombadas como monumentos nacionais (Aracati, Caucaia, Icó, Quixeramobim). Programa arquitetônico insistentemente reclamado pela turbulência da época, dentre os autores do

risco dessas cadeias destaca-se o nome de Francisco Custódio de Azevedo, português, entrando no Ceará por volta de 1743 como membro de um grupo de exploradores de uma inexistente mina de ouro no Araticum (Ubajara). Azevedo radicou-se na terra, demarcando sedes de novas vilas e projetando casas de câmara e cadeia, das quais uma para a Vila do Forte, datada de 1782.

Neoclássicos e neogóticos

Os anos centrais do século XIX correspondem à acanhada tentativa de expansão da Capital e de uns poucos núcleos urbanos. O neoclassicismo obtém grande aceitação, elegendo como modelo algumas obras públicas fortalezenses ou interioranas projetadas por estrangeiros ou por seus descendentes diretos (sem ligação, portanto, com a arquitetura da Corte Imperial do Rio de Janeiro). A segunda metade do oitocentos, dedicada ainda ao neoclassicismo, aparece porém permanentemente entremeada com vocabulário neogótico.

O período conta com a notável figura de Adolfo Herbster (1826-1893), pernambucano de ascendência suíça, engenheiro, arquiteto e responsável pela expansão do traçado fortalezense em xadrez. No campo da pintura, aparece o alemão Johann Brindseil (? – ?), retratista, decorador, professor de desenho no Liceu do Ceará. Em Sobral, na época ativo centro cultural, trabalham o pintor José Ferreira Lemos e o entalhador José Joaquim de Araújo. Deste último artista ainda se pode ver um púlpito de estranho desenho na Sé sobralense, entalhado segundo cartão de Lemos.

A Comissão Científica de Exploração

Pruridos nacionalistas levam o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em meados do século, a organizar no Rio de Janeiro uma Comissão Científica de Exploração. Escolhido o Ceará como área de ação, após delongas, a Comissão consegue instalar-se na Fortaleza em fevereiro de 1859, permanecendo na província por dois anos. Dos trabalhos, com interesse para estudo, principalmente da arquitetura cearense do período, assumem evidência o "Diário" de Freire Alemão e as aquarelas de José dos Reis Carvalho, aquele, chefe, e este, pintor da Comissão. Grande parte do material coletado pela Comissão desapareceu disperso em instituições culturais do Rio de Janeiro. Como perda irreparável, acrescente-se a de uma coleção de 400 fotografias, na verdade extraviada no próprio Ceará, no naufrágio de um iate con-

tratado para transportá-las da Granja para a Fortaleza.

O rigorosamente honesto, competente e modestíssimo Francisco Freire Alemão, notável desenhista de botânica, escreveu longo e circunstanciado diário pessoal, em que os pequenos fatos do cotidiano, os costumes e a arquitetura da terra ganham particular relevo. O diário de Freire Alemão acha-se guardado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, aliás transcrito de modo sucinto nos anais daquela instituição (n. 82, 1961). O manuscrito original, espontâneo e minucioso, aparece acompanhado de inúmeros croquis relativos a edificações e processos construtivos populares, constituindo matéria magnífica e única, à qual recorreu com insistência e admiração o autor desta comunicação ao preparar sua tese de livre-docência.

José dos Reis Carvalho, o pintor da Comissão, havia cursado a Imperial Academia de Belas Artes, tendo sido aluno de Debret. Artista de biografia controvertida, Araújo Viana atribuía-lhe a condição de cearense, todavia não confirmada (Aspectos de outrora, Rev. Renascença, p. 206-210, maio/1905). Nascido provavelmente no encerrar-se do setecentos (1798?) ou nas primeiros anos do século XIX, Carvalho ainda vivia em 1882, pois esta é a data de um dos seus trabalhos ("Orquídeas") conservado no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, conjuntamente com duas vistas de trechos urbanos da Corte Imperial. No Ceará, Reis Carvalho trabalhou muito, documentando paisagens urbanas e rurais ou tudo quanto lhe parecia interessante anotar em lugares distantes, ao longo do cansativo percurso palmilhado pela Comissão na Província. As aquarelas de Reis Carvalho ficaram dispersas por longo tempo. Entretanto, 39 delas podem ser apreciadas no Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro. Foram recolhidas por Gustavo Barroso, então diretor da Casa, todavia sem lhes conhecer o autor, como o declara em textos pertinentes. A Renato Braga (**História da Comissão Científica de Exploração**, Fortaleza, Imprensa Universitária, 1962) deve-se a identificação do pintor, que assinava os trabalhos apenas com as iniciais de **JRC.** Algumas pesquisas que efetuamos por sugestão do próprio Renato Braga, saudoso amigo, nos proporcionaram reduzidas informações complementares relativas ao pintor.

Recentemente, perdidos nos arquivos da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (antiga Academia Imperial de Belas Artes e, depois, Escola Nacional de Belas Artes), foram descobertos cadernos contendo quase uma centena de aquarelas cearenses de Reis Carvalho! Esse material, que sabíamos existir, esteve a ponto de ser retirado indebitamente por um conterrâneo esperto, que o

proclamava como propriedade sua, alegando tratar-se de "presente" oferecido a antepassados seus, no interior do Ceará, por Freire Alemão! A interferência do autor desta comunicação junto à Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e daquelas instituições junto às autoridades policiais, evitou que se consumasse um absurdo. As aquarelas de José dos Reis Carvalho são o material mais importante da iconografia cearense antiga. Deveriam estar guardadas no Ceará, terra à qual interessam, em vez de conservadas em instituições cariocas, onde o desconhecimento do alto significado da coleção, inacreditavelmente, por pouco quase as deixou tomar rumos imprevistos.

A arquitetura eclética

No campo da arquitetura, somente em fins do oitocentos até a Revolução de 1930, aparecem obras mais numerosas. São realizações de arquitetura eclética, praticamente concentradas na Fortaleza e concebidas em consonância com o clima de aspirações de "progresso" e "civilização" vigentes na época. José Gonçalves da Justa (1870-1944) e João Sabóia Barbosa (1886-1972) obtêm maior evidência como projetistas, ambos com formação européia. Entretanto, a obra de maior significado no período e, provavelmente, a mais importante no acervo cearense, é o Teatro José de Alencar, monumento nacional. O projeto do Teatro é creditado a Bernardo José de Mello (1868-1910), oficial de artilharia e amador de arquitetura. Todavia, Walter Mac Farlane & Co., de Glasgow, na Escócia, a mais poderosa firma de construções metálicas da época, com obras em várias partes do Brasil e em outros países, reivindicam para si a elaboração do projeto da platéia, sem dúvida o trecho mais valioso e característico do conjunto.

Ante a falta de anteriores realizações de vulto, essas obras ecléticas são tidas pelo povo como a arquitetura antiga da cidade e admiradas pelos mais diversos estratos sociais, certamente por figurarem, talvez sem razão, como símbolos de um passado memorável, de uma época gentil, em que, pelo menos na aparência, existia uma cidade organizada e feliz...

Esse período corresponde à atuação de pintores cujas obras praticamente desapareceram. Tinham formação um tanto autodidática e em boa parte se dedicavam à fotografia, aparecendo, como mestre do grupo, Luís Sá (1845-1898), o "Corregio del Sarto" da Padaria Espiritual. As limitações do ambiente artístico não permitiam a escolha de atividades, de sorte que muitos desses pintores executavam **récla-**

mes, retocavam e coloriam fotografias, abriam letreiros, fazendo pequenos trabalhos sob encomenda. Na época, também merece ser citado o pintor José Irineu de Sousa (1850-1924), em ação no Ceará, no Rio de Janeiro e no Pará.

A pintura do começo do século

Alguns nomes chegaram até nós, vinculados a obras de feição decorativa, como é o caso das pinturas de forro de vários compartimentos do Teatro José de Alencar, realizadas por Jacinto Gomes de Matos (1882-1947), artista com passagem pelo Rio de Janeiro (muito ligado a Rodolfo Amoedo) e autor da pintura do **plafond** da platéia, com solução ilusionista; pelo pintor Raimundo Ramos "Cotoco" (1871-1916), poeta, cançonetista popular e boêmio conhecidíssimo; e por José de Paula Barros (? – 1919), ornamentista e desenhista de arquitetura, a quem se atribuem projetos de monta. Cite-se ainda o nome de Antônio Rodrigues (1867-1915), mais dedicado ao desenho. Os jornais da época exibem alegorias em litogravuras bem como caricaturas e charges em xilogravura, cujos autores nem sempre puderam ser identificados.

Interregno

Um pouco mais à frente, entre as duas Grandes Guerras, a atividade artística ocorre de modo irregular, contando-se com eventuais visitas de pintores procedentes do Rio de Janeiro. Alguns governantes cultos, como Justiniano de Serpa e Ildefonso Albano, concederam bolsas de estudos a pintores e músicos. Entre os beneficiados, aparece o pintor Vicente Leite (1900-1941), prêmio de viagem ao País em 1935 e ao exterior em 1940, artista promissor, de belo cromatismo, falecido prematuramente.

No campo da pintura, entretanto, pode-se dizer que o período ainda não conhece renovação. Prevalecem quadros de feição academicizante, representando flores, naturezas mortas, paisagens convencionais e algum retrato. Nessa produção, ainda que de certo modo estilisticamente incaracterística, aparecem muitas obras de real mérito, felizmente em boa parte hoje preservadas em coleções particulares.

Art Déco **e pré-modernismo arquitetônico**

O fim da década de 20 e o começo da década de 30 correspon-

dem à introdução do modernismo no Ceará. O movimento renovador, contudo, atinge apenas a literatura e, de certo modo, a arquitetura. De certo modo, dizemos, porque a arquitetura do período se alinha no conjunto das realizações ditas "pré-modernas", com apoio na estética **Art Déco**. Na verdade, os projetistas (nenhum deles diplomado em arquitetura), embora absorvam as novidades expostas em revistas especializadas, não se interessam em teorizar as mudanças ou não possuem condições de fazê-lo. Confirmam tal constatação as posturas "ecleticistas" que ainda assumem, projetando concomitantemente todas as variantes postas em divulgação no momento, desde o "Missões" e o "Normando" aos **villini** italianizados, passando pelo "moderno". Assim, julgados com um certo rigor, mais seriam "pseudo-modernos" do que propriamente "pré-modernos".

A renovação da pintura

Durante a última Guerra e nos anos subseqüentes floresce um movimento de significação no campo da pintura. A criação do Centro Cultural de Belas Artes (1941), transformado posteriormente na Sociedade Cearense de Artes Plásticas, a SCAP, foi o marco congregador de artistas e revelou novos talentos, reproduzindo no Ceará o episódio das irmandades artísticas paulistas e cariocas. Basta citar alguns daqueles pintores que vieram a obter consagração nacional, como Bandeira, Aldemir e Inimá (mineiro, então radicado no Ceará), a par de figuras de relevo regional, muitas delas ainda em plena ação.

Discretamente simpático ao movimento, deve ser citado o nome de Raimundo Brandão Cela (1890-1954), figura introspectiva, silenciosa, dir-se-ia, até humilde. Engenheiro-geógrafo pela Escola Nacional de Engenharia e pintor pela Escola Nacional de Belas Artes, prêmio de viagem à Europa em 1917, Cela, depois de longa permanência em França, recolhera-se à cidade litorânea do Camocim, dirigindo uma pequena usina termoelétrica. Transferindo-se posteriormente para a Fortaleza, realizou várias obras, em maior parte presas a temas praieiros. Finalmente, de retorno ao Rio de Janeiro, passou a ensinar gravura nos cursos livres da ENBA. Na obra de Raimundo Cela, a gravura em metal, embora numericamente restrita, assume lugar de destaque, alcançando prestígio nacional. Artista de atelier, com técnica segura e vastos recursos no desenho, muitas vezes se deixou ficar preso aos processos acadêmicos de sua formação. Contudo, alguns quadros, cuja espontaneidade parece conferir a condição de composições "ar-livristas", captaram a luminosidade cearense, com as cores alegres e muita vida.

Durante esse período de meados do século, a presença do suíço Jean-Pierre Chabloz (1910-1984) deve ser mencionada, com destaque maior para sua animação didática. A Chabloz se creditam a descoberta e o encaminhamento do grafiteiro popular Francisco Domingos da Silva (1922-1985) para a pintura de cavalete sobre cartão. Chico da Silva, como era conhecido artisticamente, tornou-se um caso singular na história da pintura brasileira por sua estranha obra de primitivo ligado ao fantástico.

Como seqüência à produtiva fase de temática da figura humana e da paisagem sem vínculos academicistas, perseguida pela SCAP, aparecem adeptos da pintura de Portinari, Clóvis Graciano e Di Cavalcanti. Entretanto, trilhando posteriormente caminhos pessoais, todos parecem ter encontrado expressão própria.

A pintura informal apenas seria tentada um pouco à frente. O próprio Bandeira, como sabemos, somente se dedicou ao abstracionismo após sair do Ceará, já em França. No fim da década de 50 foram realizadas as primeiras experiências concretistas (1957), sem continuidade, apesar das instigações de um Waldemar Cordeiro no início dos anos 70, em rápida passagem pela cidade, como paisagista, membro de uma equipe de planejadores urbanos paulistas.

Arte popular

Menção especial deve ser feita à arte popular, praticada por xilógrafos de cordel, santeiros e entalhadores. A maioria desses artistas, conjuntamente com cantadores e músicos, vive na cidade do Juazeiro. Raramente são cearenses de nascimento, mas paraibanos, alagoanos e, principalmente, pernambucanos, artesãos atraídos em peregrinações devotas à terra do Padre Cícero, onde vieram a se radicar. Uma legião de imitadores ou extrapoladores, nomeadamente no campo da talha, prolifera nas áreas turísticas da Fortaleza, oferecendo obras de gosto duvidoso, avidamente adquiridas por visitantes sulinos de classe média.

Artes plásticas na Fortaleza contemporânea

Como já assinalamos, as atuais dimensões físicas e demográficas da Fortaleza contemporânea oferecem um mercado atraente (aliás, o único do Estado) para o consumo de artes visuais. Conquanto restrito, esse mercado fez ampliar numericamente o quadro de pintores em atividade. Há bons artistas e gratas promessas. Também se pratica a escultura e a gravura encontra adeptos. Alguns artistas se apresen-

tam como detentores de láureas nacionais. O prestígio extra-estadual, de que desfrutam, permite-lhes enviar trabalhos para outras regiões do País. Alheios, pois, às variações do mercado e às idiossincrasias da clientela local, já podem, com relativa tranqüilidade, dedicar-se profissionalmente à arte.

Todavia, por pressão da demanda, o ambiente é permeado pela ação consciente ou inconsciente de muitas figuras que se auto-intitulam "artistas", provocando um verdadeiro derrame de obras sem valia. São raros os abstracionistas formais ou geométricos, já que aqueles "artistas" em maioria se apresentam como surrealistas ou "primitivistas" (sic). No caso, seriam "primitivistas" não primitivos, pelo menos no sentido antropológico, pois se trata de gente às vezes com formação universitária... De qualquer modo, as opções estilísticas vinculam-se diretamente aos rumos do mercado. No momento, por exemplo, parece evidenciar-se uma tendência para a abstração...

Por outro lado, o número de galerias de arte, outrora inexistentes, expandiu-se de modo repentino, envolvendo pessoas inesperadamente lançadas numa atividade para a qual não receberam qualquer preparo crítico. Nesse ambiente de rápidas mudanças, a empulhação é sobremodo facilitada pela caça às obras de arte feita por pessoas recém-enriquecidas, parcas de sensibilidade e de informação, que buscam a aquisição como uma forma de investimento financeiro, na expectativa de descobrirem gênios enrustidos, cujas realizações se possam valorizar rapidamente.

Uma escola de arquitetura, criada junto à Universidade Federal em 1965, vem fornecendo anualmente uma safra mínima de 40 profissionais, num mercado em situação flutuante, principalmente tendo em vista as recentes decisões governamentais contrárias à ampliação dos quadros técnicos do serviço público. A especulação imobiliária, agora acompanhada de uma eclosão de lojinhas elegantes nos bairros ricos, tem oferecido trabalho a grande parcela dos profissionais arquitetos, atividade todavia sem maior significado na busca de uma qualidade arquitetônica. Compreensivelmente, certas proposições meramente decorativas do chamado pós-moderno encontram acolhida ampla. Na verdade, trata-se de opção simplesmente vocabular, e não estrutural, caracterizada pelo emprego indiscriminado de frontões de ponto alto, cilindros, quartos de círculo, ângulos sutados, "escadinhas", paramentos revestidos de cerâmica marcadas com tarjas coloridas, enfim, novidades (?) aplicadas por via de consulta às revistas internacionais atualizadoras das modas arquitetônicas. Como defesa, esclareça-se que não se trata de prática exclusivamente local, mas comum nos centros

ditos mais adiantados do País. Essas manifestações, de cunho meramente epidérmico, já trazem em si o germe das apropriações **kitsch**. Tal como ocorreu com anteriores propostas de aparente modernidade, logo serão indiscriminadamente incorporadas às edificações da periferia urbana. Assim, absorvidas pela massa popular consoante as mais imprevisíveis variantes formais, ganham significados simbólicos, funcionando como agentes de uma almejada mas impossível aproximação sócio-cultural dos mais variados estratos urbanos com os segmentos da alta burguesia.

* * *

As limitações e o objetivo desta comunicação não ensejam a apresentação de nomes de pintores e arquitetos contemporâneos nem justificam qualquer referência crítica às suas obras. Por tal razão, fizemos apenas alusão aos problemas gerais do meio e às conseqüências mais visíveis no ambiente cultural cearense, problemas, decerto, comuns em todo o Brasil.

1.3. – MUSEUS E MUSEÓLOGOS

Não há propriamente arquivos especializados em arte no Ceará. O Arquivo Público Estadual, de acervo eclético, localiza-se em prédio sem dignidade e sem habitabilidade, comprometendo a integridade do material posto à sua guarda.

Alguma referência deve ser feita aos museus, aliás existentes em número restrito, posto não podermos considerar como tal as várias coleções, públicas ou privadas, que se atribuem aquela denominação emblemática com o intuito de se valorizarem culturalmente.

O Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará é o maior repositório da arte cearense, inclusivamente no setor de peças de arte popular. Há também, na Capital, a Pinacoteca Estadual, integrante da Casa de Raimundo Cela, presentemente muito mal instalada.

Ampla idéia da arte cearense será conseguida numa visita ao Mini-Museu Firmeza (1969), que exibe a coleção particular do artista plástico Nilo Firmeza, também crítico e historiador da arte. O Mini-Museu está instalado em chácara aprazível, no arrabalde do Mondubim, onde se pode desfrutar do convívio amável do artista e de sua esposa, a pintora **naïve** Nice Firmeza.

Seria também aconselhável um contato com obras de pintura cearense que compõem coleções particulares, lamentavelmente ina-

cessíveis ao grande público.

Em outras cidades do Estado – Crato, Aquirás, Aracati e Sobral, há museus ecléticos, nos quais se encontram peças de suntuária e imaginária religiosas. O Museu Diocesano de Sobral sobressai entre os congêneres; tendo sido organizado pelo Bispo Dom José Tupinambá da Frota por via da recolha de material disperso na diocese, contém acervo valioso. Infelizmente, todas essas instituições se defrontam com grandes dificuldades de manutenção, além de não disporem de pessoal especializado.

Em termos de museologia, o Estado conta com apenas dois profissionais! Ambos estão ligados à Universidade Federal do Ceará, um deles por sinal dedicado ao magistério universitário. Por decorrência dessa limitação de quadros, pode-se avaliar a maneira improvisada e amadorística como são montadas no Ceará a mor parte das exposições (artísticas ou não) ou como vem sendo preservado o acervo artístico estadual em museus e entidades afins.

2. A PESQUISA EM ARTES PLÁSTICAS

2.1. – A PESQUISA NO PASSADO

O século XIX

O quadro histórico e a produção artística, anteriormente expostos, não parecem ter estimulado a elaboração de textos específicos sobre artes plásticas cearenses, aliás em total contraposição ao que ocorre no campo da literatura.

Em passado já meio distante, temos notícia de duas tentativas de produção de textos, praticamente frustradas, como expomos.

Criada a Academia Cearense em 1894, no ano seguinte o Barão de Studart já sugeria o preparo e obra abrangente sobre o Ceará. Em 1896, Thomás Pompeu apresentava um substitutivo ampliado ao projeto de Studart, composto de 22 "capítulos", entre os quais constava o de nº 8 – Habitação, a cargo de Antônio Theodorico Filho, e o de nº 14 – Letras e Artes, aos cuidados de José Carlos Júnior (anteriormente solicitado a Pedro de Queiroz). A propósito, assinala Dolor Barreira, historiador da literatura cearense: "Na sessão de 15.09.1896, o acadêmico Theodorico Filho lê a introdução do trabalho de que se encarregara. Não consta que outros acadêmicos tivessem feito o mesmo na parte que lhes coubera em partilha no monumental empreendimento". (História da Literatura Cearense, t. 1, p. 188-9). Esclareça-se que José

Carlos da Costa Ribeiro Júnior (1860-1896) faleceria quase em seguida e, quanto ao trabalho de Antônio Theodorico da Costa Filho (1868-1939), jamais conseguimos obter qualquer informação, apesar das insistentes buscas tentadas entre seus descendentes. Como Theodorico Filho era engenheiro civil, seu texto talvez tratasse de problemas construtivos ou, mais certamente, privilegiaria aspectos higiênicos da habitação.

A primeira metade do século XX

Possivelmente o texto mais antigo referente às artes plásticas cearenses se deve a Raymundo Ribeiro. Intitula-se **A arte no Ceará**, constando da edição do Almanach do Ceará, comemorativa do 1º Centenário da Independência do Brasil, em 1922 (p. 609-18). Raymundo Francisco Ribeiro (1861 – ?), juiz e professor de Direito Romano na Faculdade de Direito do Ceará, era homem culto, porém sem preparo sistematizado para a crítica artística(***). De seu trabalho, objetivamente, não se aproveita muito. Cita pouquíssimas obras, sem datação ou autoria, divagando em considerações distantes do título do trabalho. Emite opiniões pessoais sem apoio de critérios estéticos definidos, parecendo pautar-se por conceitos acadêmicos ou, quando muito, neoclássicos. Sustentando opinião negativa sobre a arte cearense, diz textualmente: "Quanto á 'Architectura Civil', pode-se dizer que ella ainda não penetrou neste Estado guiada pela mão do 'Bello', ausente de todas as nossas edificações, mesmo as modernas, algumas das quaes se notabilizam pelo tamanho, que até as torna desgraciosas, como inestheticas são quasi todas as fachadas". Raymundo Ribeiro desanca particularmente o projeto do Teatro José de Alencar, cheio dos "maiores erros architectonicos", seja na disposição dos lugares seja no conforto climático.

No trecho referente à arquitetura religiosa, faz menção à Igreja neogótica do Pequeno Grande (1903), na Fortaleza, não lhe agradando os interiores. Ao mesmo tempo, elogia a capela da família Antero, no Icó (certamente por exibir algumas peças trazidas da Roma de fim do século). Ainda no Icó, faz alusão ao púlpito da Igreja do Bonfim, e apenas isto.

Para Raymundo Ribeiro, "a Arte de Pintura é ainda mais despresada do que as suas irmans", considerando "gatos a óleo e a tinta" ou "injuria irrogada", os "especimens que infestam as paredes, sob as formas mais bizarras" (p. 614), provavelmente em alusão às pinturas de cenas ou de alegorias que ornamentavam muitas casas do período.

E acrescentava: "merecem menção três belas telas, que embora não sejam obras de artistas cearenses, mas de pintores europeus, todavia induzem a crer que em tempos idos a 'Arte da Pintura' encontrou apreciadores no meio social do Ceará" (p. 615). As telas, segundo Ribeiro, reproduziam os retratos de Antônio Mendes da Cruz Guimarães (1838-1878), José Mariano da Costa Nunes e do boticário Antônio Rodrigues Ferreira (1801-1859), o deste último feito em Paris por cópia de uma fotografia tomada no leito de morte do retratado (!). Essa pintura parece ter sido por sua vez copiada pelo pintor e desenhista Antônio Rodrigues, já referido, constituindo o desenho usualmente divulgado da efígie do boticário Ferreira. Os únicos artistas cearenses que Ribeiro nomeia são Antônio Rodrigues, então já falecido, e seu irmão, Irineu, enfatizando a credibilidade de Antônio do retrato desenhado, mesmo quando feito de memória. O retrato de Cruz Guimarães, membro de família conspícua, proprietária da grande chácara depois adquirida para palácio episcopal e hoje sede da Prefeitura Municipal de Fortaleza, pode ser visto no Instituto do Ceará, aliás fazendo par com outro retrato, o de sua esposa, ambos encomendados por um dos filhos do casal e certamente executados por meio do mesmo processo de cópia de fotografias.

Informa, ainda, Raymundo Ribeiro: "Quanto á 'Esculptura' ou, antes, á 'Estatuaria', três estátuas ennobrecem tantas praças desta Capital", aludindo às estátuas do General Tibúrcio, de Pedro II (ambas moldadas "no bronze em Paris") e do General Sampaio, esta última "esculpida em mármore, extrahido das pedreiras do Itapahy, e aqui fabricada, constituindo taes factos o maior merito artistico da mesma" (p. 616). Ribeiro não declina o nome do autor da estátua e confunde mármore com o granito do Itapaí.

O polígrafo Gustavo Barroso (1888-1959), na sua vasta obra, faz algumas referências à arquitetura cearense antiga, raramente tratando de outras formas de expressão artística, embora, na mocidade, tivesse praticado o desenho, principalmente a caricatura. O livro **À margem da história do Ceará** (Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1962) e artigos esparsos publicados na revista **O Cruzeiro**, sob o título "Segredos e revelações da história do Brasil", podem fornecer eventual contribuição à pesquisa artística no Ceará.

2.2. – A PESQUISA CONTEMPORÂNEA EM PINTURA E ÁREAS AFINS

Nos últimos anos, ou melhor, nesta década de 80, alguns textos

têm sido elaborados, tomando como objetivo o estudo das artes plásticas no Ceará. A resenha bibliográfica a seguir apresentada não pretende abranger tudo o quanto já foi publicado sobre a matéria, constituindo apenas uma relação dos títulos de que este autor dispõe à mão em sua biblioteca.

Infelizmente, não existe um arquivo geral de catálogos de exposições realizadas no Estado. Nenhuma entidade oficial (salvo o Museu de Arte da Universidade, no âmbito de suas exposições) tentou reunir a documentação guardada em museus ou com particulares, organizando o que constituiria, sem dúvida, excelente fonte para pesquisas.

A historiografia cearense em pouco ou nada se tem interessado por artes plásticas. Todavia, referências dispersas sobre artistas e obras podem ser eventualmente encontradas em trabalhos não especializados, bem como no noticiário dos jornais ou em catálogos de exposições.

Bibliografia sobre pintura e áreas afins

Obras publicadas

AZEVEDO, Otacílio de – **Fortaleza descalça**; reminiscências. Fortaleza, Edições UFC/PMF, 1980. Notas biográficas concernentes a 15 pintores cearenses do primeiro quartel do século XX.

BARROSO, Antônio Girão – **Modernismo & Concretismo no Ceará**. Fortaleza, Instituto Lusíadas, 1978. Origens do modernismo literário cearense e do movimento concretista em artes plásticas.

ESTRIGAS (Nilo de Britto Firmeza) – **Arte – aspectos pré-históricos no Ceará**. Fortaleza, Imprensa Oficial, 1969. O trabalho relaciona inscrições rupestres e peças pré-históricas cearenses, analisadas de um ponto de visto artístico.

A fase renovadora da arte cearense. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 1983. Obra dedicada à contribuição da Sociedade Cearense de Artes Plásticas – SCAP, associação empenhada na renovação da arte cearense e preconizadora de um ensino artístico realizado de acordo com novas concepções. Estrigas foi um dos participantes do movimento, sobre o qual discorre por vivência pessoal.

Contribuição para o estudo de Raimundo Cela. Fortaleza, Tukano, 1988. Notas biográficas e críticas da obra de Raimundo Cela, acompanhadas de uma relação completa da obra do pintor.

. **A Saga do pintor Francisco Domingos da Silva.** Fortaleza, Tukano, 1988. Biografia e análise circunstanciada da obra do pintor Chico da Silva. Pormenoriza os casos controvertidos de imitadores do artista e das falsificações de autoria feitas pelo próprio Chico da Silva, assinando trabalhos de terceiros como se fossem seus. Este fato, com a conseqüente repercussão na crônica policial, trouxe grande confusão ao mercado de arte e às atividades da crítica especializada. Na verdade, porém, não se configurava prática inédita, pois a ela recorreram pintores célebres, dentre os quais um Rembrandt, por exemplo.

GALVÃO LIMA, Roberto – A arte do Ceará – reflexos do saber do povo. **In: Brasil/Arte do Nordeste.** Rio de Janeiro, Spala, 1986, p. 48-57. Apreciação ampla da arte cearense no passado e no presente.

Uma visão da arte no Ceará. Fortaleza, Galeria Ignez Fiúza, 1987. Repasse da produção artística cearense, com ênfase nas realizações contemporâneas.

SÁ PESSOA, João Alfredo Donas de – **Aracati**/Catálogo/Museu Jaguaribano. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará. 1980.

. **Aquirás**/Museu Sacro São José do Ribamar/Catálogo. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1980.

. **Museu do Crato**/Catálogo 1. arte. Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desportos, 1984.

. **Museu Diocesano**/Sobral/Ceará/arte sacra/catálogo. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1982. Tanto este, como os demais catálogos acima relacionados, inventariam as peças dos museus, designadas por categorias artísticas, dimensões, técnicas de execução, datação provável, fazendo muitas delas se acompanharem de fotografias.

SOUSA, Eusébio de – Um quadro histórico, **Rev. do Instituto do Ceará.** Fortaleza, 49:7-30, 1935. Referências à vida e à obra do pintor José Irineu de Sousa, acompanhadas de comentários relativos ao quadro **Fortaleza Liberta.**

Matéria escrita, aguardando publicação

BARROSO, Henrique – Trabalho sobre a obra do pintor Raimundo Cela.

GALVÃO LIMA, Roberto – Trabalhos sobre a vida e a obra dos pintores Chico da Silva e Raimundo Cela.

ESTRIGAS (Nilo Firmeza) – **Arte e artistas no Ceará.**

BARBOZA LEITE, Antônio – **Jean-Pierre Chabloz – a Perseverança ofendida mas não dominada.**

Sobre os autores citados, podemos esclarecer:

- Antônio Girão Barroso é professor universitário, jornalista, poeta, membro da Academia Cearense de Letras e do Grupo Clã.
- Barboza Leite é pintor e desenhista cearense ligado à SCAP. Há muito se radicou em Duque de Caxias, RJ., onde continua a exercer atividades artísticas e animação cultural.
- Estrigas é nome afetivo pelo qual se tornou conhecido o pintor e colecionador Nilo de Britto Firmeza.
- Eusébio Nery Alves de Sousa (Recife, 1883 – Fortaleza, 1946) foi juiz de direito, jornalista, historiador, animador cultural, organizador do Arquivo Público do Estado (1931) e fundador do Museu Histórico Estadual (1932).
- Henrique Barroso é museólogo do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará.
- João Alfredo Donas de Sá Pessoa é graduado em história e pós-graduado em museologia, exercendo o cargo de professor de História da Arte no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará.
- Otacílio Azevedo (Redenção, 1896 – Fortaleza, 1978) foi pintor e poeta com longa e marcada participação na vida artística fortalezense.
- Roberto Galvão é pintor profissional, programador visual, animador artístico, com estudos de pós-graduação em artes plásticas.

Trabalhos de interesse paralelo

GIRÃO, Valdelice Carneiro – **A renda de bilros e seus artífices.** Fortaleza, s/edit., 1966.

- **Arthur Ramos e sua coleção.** Fortaleza, Imprensa Universitária, 1983.
- Contribuição à nomenclatura e classificação das rendas do Ceará. **In**: Bol. Antrop. 4(1):45-66, dez. 60, Fortaleza.
- **Renda de bilros.** Fortaleza, Edições UFC, 1984.

INSTITUTO Nacional do Folclore. **Pequeno atlas de cultura popular no Ceará** – Juazeiro do Norte/Instituto Nacional do Folclore. Rio de Janeiro: FUNARTE, INF; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1985. Coord. técnica pela UFC: Eduardo Diatay Bezer-

ra de Meneses. O trabalho inclui processos de produção e produtores.
LODY, Raul – **Coleção Arthur Ramos**. Rio de Janeiro, FUNARTE, INF; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1987, "Estudo das séries: macumbas e candomblés/instrumentos de música e ferro da escravidão/objetos africanos" efetuado por especialista na matéria. A coleção pertence à Universidade Federal do Ceará.
SOBREIRA, Geová – **Xilógrafos do Juazeiro**. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará. 1984.

2.3. – A PESQUISA CONTEMPORÂNEA EM ARQUITETURA

A pesquisa em arquitetura, pela sua condição singular, merece alguns comentários, pois nos parece que ela assume entendimentos diversos, se praticada por um arquiteto ou por um não-arquiteto. Estas diferenças subjetivas, de qualquer modo, são caracterizadas pela visão globalizante adquirida pelo arquiteto em decorrência de sua própria postura profissional diante do projeto arquitetônico, visão contraposta à de um pesquisador não-arquiteto que examine uma obra de arquitetura.

Melhor esclarecimento por certo poderia ser conseguido com a aplicação dos conhecidos conceitos de Marco Lúcio Vitrúvio (Marcus Vitruvius Pollio), ainda hoje discutidos, apesar de bimilenares. Para Vitrúvio, numa obra de arquitetura ocorre a conjunção da **venusta** (beleza), da **utilĭtas** (utilidade, uso social da obra) e da **firmĭtas** (estabilidade).

Os pesquisadores não-arquitetos podem dedicar-se isoladamente a uma daquelas vertentes das proposições vitruvianas. Tarefa semelhante torna-se quase impossível para um arquiteto, cuja formação o levará sempre a misturá-las, ainda que se empenhe em valorizar um daqueles aspectos arquitetônicos. Em outras palavras, a discussão do espaço criado ou da plástica, a **venusta**, interessaria a historiadores da arte e críticos, a filósofos, a psicólogos; a pesquisa das relações da arquitetura com o homem e com a sociedade, a **utilĭtas**, atrairia historiadores, sociólogos, economistas e antropólogos; a pesquisa tecnológica, a **firmĭtas**, relacionando-se com a estabilidade e com o conforto ambiental, envolveria físicos e engenheiros de várias modalidades.

Pesquisar a arquitetura, unindo como um todo as três referências vitruvianas, não é cometimento simples. Explicam-se assim as dificuldades inibidoras com que os arquitetos se defrontam ao elaborar textos de arquitetura, embora, no Brasil, a quase totalidade da produção

bibliográfica pertinente tenha sido escrita por arquitetos.

Todo esse longo arrodeio pretende justificar as limitadas pesquisas arquitetônicas realizadas no Ceará até o momento. Por um lado, a falta absoluta de pesquisadores não-arquitetos (aliás, raros, no Brasil). Por outro, a atividade profissional numa região de economia precária, obrigando à luta desesperada por uma sobrevivência digna, vem, sem dúvida, negando aos arquitetos cearenses condições de exercerem um pouco de reflexão sobre o que projetam.

Em 1983 e 1985, o Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará ministrou curso de especialização em arquitetura, com ênfase na teorização, tendo como principal objetivo a elaboração de trabalhos escritos por via da aplicação de pesquisas. No desenvolvimento do curso, a organização do espaço físico da cidade da Fortaleza ganhou dimensões de um vasto laboratório, sobressaindo como tema de quase todas as dissertações elaboradas para obtenção do título. Compreensivelmente, apesar do interesse estético, prevaleceram as interpretações sócio-econômicas, resultando um conjunto de textos de certo modo alheios ao que se poderia considerar como "pesquisas em artes plásticas".

Alguns textos redigidos pelo autor desta comunicação talvez alcancem aqueles propósitos. Uns poucos, talvez. No entanto, para o autor, arquiteto de profissão, todos tratam de arquitetura. Arquitetura, no caso, entendida globalmente, tornando-se difícil separá-la por setores de análise. Assim, ao relacionar trabalhos seus, o autor faz esta ressalva preliminar, eximindo-se da eventual culpa de apresentar matéria sem interesse direto para este encontro da ANPAP.

Bibliografia produzida por arquitetos

São poucos os trabalhos produzidos por arquitetos, como já se assinalou. Todavia, podem ser arrolados os que se seguem:

Trabalhos publicados

DUARTE, Hélio de Queiroz – **Igreja de Nossa Senhora de Almofala.** São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1972.

CASTRO, José Liberal de – Fatores de localização e expansão da cidade da Fortaleza. **ANAIS do 19º Congresso Nacional de Botânica**, Fortaleza, 1968; Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1ª ed. 1969; 2ª ed. 1972; 3ª ed. 1979.

- Comentário ao documento básico oficial, fornecido a debate pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo e redigido pelo Prof. Arq. Eduardo Kneese de Mello, sob o título 'Arquitetura Brasileira'. ANAIS do Encontro Internacional de Estudos Brasileiros, São Paulo, 1971, p. 437-68.
- **Fortaleza, 150 anos** – Texto das pranchas da Exposição Comemorativa do Sesquicentenário da elevação de Fortaleza à categoria de Cidade. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará/Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1973.
- **Sobral – 200 anos** – Texto das Pranchas da Exposição Comemorativa da criação da Vila do Sobral. Fortaleza, 1973. Análise da evolução urbana e das tipologias da arquitetura antiga, como contribuição da Escola de Arquitetura da Universidade Federal do Ceará aos festejos.
- Pequena informação relativa à Arquitetura Antiga no Ceará. **In**: Revista **Aspectos**, da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. Fortaleza, 5:8-32, 1973.
- Problemas de Preservação da Arquitetura Antiga no Ceará. Inserido no conjunto de comunicações feitas ao 1º Seminário de Estudos sobre o Nordeste. Salvador, 1974.
- Cidade da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção – pequena resenha informativa. Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, 1976.
- **Bibliografia comentada da Disciplina História da Arquitetura/Evolução Urbana III**. Fortaleza, Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, 1979 (Publicação nº 10).
- Notas e comentários (de rodapé) em VASCONCELLOS, Sylvio de – **Processos construtivos na arquitetura antiga no Brasil**. Fortaleza, Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, 1980 (Publicação n. 4).
- A cidade e o Pajéu. **In**: PARQUE Pajeú. Fortaleza, Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1981. Parte 1.
- Ceará – sua arquitetura, seus arquitetos. **Cadernos Brasileiros de Arquitetura**. São Paulo, v. 1 fasc. **9**:1-15, 1982. (Panorama da Arquitetura Cearense).
- Cartografia urbana fortalezense na Colônia e no Império e outros comentários. **In**: PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. Lúcio Alcântara – março 1979/maio 1979. Fortaleza, 1982, p. 23-81.
- Aspectos da arquitetura no Nordeste do País. **In**: ZANINI, Walter,

org. **História Geral da arte no Brasil.** São Paulo, Instituto Moreira Salles, 1983. v. 1 p. 299-319.

- **O Solar Carvalho Motta.** Fortaleza, DNOCS, 1984. Memória da história da edificação e do projeto de restauro da casa que pertenceu a Antônio Frederico Carvalho Motta, sede do Departamento de Obras Contra as Secas por mais de meio século.
- Arquitetura eclética no Ceará. **In: Ecletismo na Arquitetura Brasileira**/organização Annateresa Fabris. – São Paulo, Nobel; Editora da Universidade de São Paulo, 1987, p. 208-55.
- O visual da cidade (Arquitetura fortalezense de 1930 a 1945). **In: Fortaleza Tempos de Guerra.** Fortaleza, Secretaria de Cultura, 1989.

Trabalhos inéditos

ANDRADE, Margarida Júlia Sales – **Vilas operárias em Fortaleza.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia (em fase de conclusão). 1989.

BEZERRA, Maria do Carmo de Lima – **Casas de fazenda nos Inhamuns.** Dissertação final no Curso de Aperfeiçoamento em Arquitetura do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará, 1983.

CALS, Maurício Quinderé – **L'évolution historique d'un espace libre au Nord-est du Brésil** (Le cas de la 'Praça do Ferreira'). Memoire pour le diplôme de l'Institute d'Urbanisme de Paris, Université Paris/Val de Marne. 1982.

CASTRO, José Liberal de – **Influências recíprocas na arquitetura luso-brasileira** (tese a concurso de professor titular na Universidade Federal do Ceará, 1981); datil., 222 p.

- **Notas relativas à arquitetura antiga no Ceará** (tese a concurso de Livre-Docência na Universidade Federal do Ceará, 1981); datil., 311 p.
- **João Sabóia Barbosa e o ecletismo arquitetônico na Fortaleza.** Fortaleza, 1986. Estudo da obra do projetista apoiado na análise de edificações de sua autoria remanescentes e nos desenhos guardados no Arquivo Iconográfico do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará. Trabalho realizado como homenagem comemorativa ao 1º centenário de João Sabóia Barbosa.
- Estudos, pareceres, levantamentos, orientação de processos de tombamento de monumentos históricos e artísticos nacionais de

vários indivíduos arquitetônicos e paisagísticos do Ceará, feitos para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, na condição de representante honorário daquela repartição federal no Ceará entre 1956 e 1981.

FURTADO FILHO, José da Rocha – **Architectural meaning.** The built environement as an expression of social values and relations. Dissertação de mestrado, University of Wisconsin – Milwaukee, 1979. O American Institute of Architects (AIA) conferiu menção honrosa a este trabalho.

Fontes historiográficas primárias para estudo da arquitetura

Entre instituições e obras nas quais se podem localizar fontes primárias para apoio às pesquisas de assunto geral (raramente envolvem o aspecto estético da produção), figuram:

- Arquivo Público Estadual, particularmente os livros de contatos de obras, relatórios de comissões técnicas; correspondência oficial; livros de atas de câmaras municipais.
- Hemeroteca da Biblioteca Pública (sofreu um incêndio em março de 1987 e ainda não foi recuperada) bem como seu Núcleo de Microfilmagem (particularmente as coleções de jornais dos séculos XIX e XX) e o Setor de Obras Raras (relatórios dos governos imperiais e republicanos).
- Instituto do Ceará, particularmente os documentos da Coleção Studart e as atas das câmaras municipais. Atenção especial deve ser prestada à Hemeroteca e à Revista do Instituto, cujas edições já ultrapassaram um século.
- Bispados e igrejas, particularmente os livros de irmandades pias e os batistérios (material raro, mal conservado e geralmente muito desorganizado).
- Cartórios, particularmente os livros de partilha, que permitem identificação de proprietários, datação de obras e de demais bens imóveis e móveis.
- Fontes primárias transcritas por historiadores cearenses (é uma pena que nem sempre citem onde se encontram os documentos), principalmente o Barão de Studart, Antônio Bezerra, João Brígido, Carlos Studart, Geraldo Nobre, Dom José Tupinambá da Frota, Padre Sadoc de Araújo, Vinicius Barros Leal, Raimundo Girão, Ismael Pordeus (além do Padre Serafim Leite, S.J.).
- Arquivo Nirez de Comunicação – Coleção pertencente ao jornalista

Miguel Ângelo Azevedo. Constitui o maior repositório de documentação fotográfica da Capital e de sua gente, bem como uma das maiores coleções brasileiras de discos fonográficos.

- Arquivo Iconográfico do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará. Magnífica coleção de projetos e desenhos arquitetônicos, nomeadamente de realizações do período fortalezense de 1920 a 1940; coleção de mais de 100 levantamentos gráficos de edificações cearenses antigas. Este arquivo aparece como um caso à parte, fato explicável por sua própria finalidade e por sua localização em ambiente universitário.

Fontes historiográficas secundárias para estudos da arquitetura

Não há propriamente textos de autores não-arquitetos voltados para objetivos marcadamente arquitetônicos.

A extensa bibliografia histórica cearense de certo modo fornece um único estudo completo sobre uma edificação, totalmente amparado por pesquisa documental. Referimo-nos ao trabalho de Ismael Pordeus intitulado **Antônio Dias Ferreira e a Matriz do Quixeramobim** (Revista do Instituto do Ceará, t. **70**:74-114, 1956). Ainda neste particular, devem ser acrescentados os **Breves apontamentos sobre a matriz do Aracati**, texto de Luiz Cândido Ferreira Chaves, escrito em 1865. Realizando obras de restauro naquela igreja, o autor deste trabalho, com a aplicação de processos de arquitetura analítica, pôde comprovar a veracidade dos dados apresentados por Chaves. Os "Breves Apontamentos" vieram a ser publicados por um pequeno jornal do Aracati, de modo quase clandestino, na década de 50 deste século. Todavia, na ocasião, já haviam sido praticamente transcritos por Benedito Augusto dos Santos, sob o título – Memórias da Matriz do Aracati, na Revista do Instituto do Ceará (t. **32**:308-32, 1918), sem qualquer referência à origem do texto!... (o Barão de Studart informa que Santos tinha passado a residir no Aracati desde 1879).

A centenária Revista do Instituto do Ceará, tantas vezes citada nesta comunicação, pode ser facilmente consultada com o auxílio do "Índice Anotado" por José Honório Rodrigues, abrangendo desde o tomo inicial, de 1887, até o tomo 60, de 1954, além de incluir matéria inserida nos tomos especiais. Trabalho de atualização foi realizado recentemente por Maria da Conceição Sousa, atingindo a edição centenária, de 1987. Embora sem anotações, mostra a matéria distribuída por assuntos.

Apresentam fundamental interesse os apontamentos e a documentação fotográfica efetuados por João José Rescala, quando de uma longa viagem de inspeção realizada no Ceará em 1941, sob o patrocínio do Serviço Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O texto manuscrito e as fotografias se acham guardados nos arquivos daquela repartição federal no Rio de Janeiro.

A aparência urbana, ou melhor, aspectos físicos da arquitetura atraíram alguns autores cearenses, como João Brígido, Antônio Bezerra, João Nogueira. No presente, interessaram um Raimundo Girão, vertidos em obra vasta e variada, bem como um Mozart Soriano Aderaldo, este último com trabalhos relativos à identificação dos componentes edificatórios de logradouros das zonas mais antigas da capital cearense.

Para uma bibliografia geral da historiografia cearense, convém recorrer à relação apensa pelo historiador Raimundo Girão às duas últimas edições de sua **Pequena História do Ceará**. Do mesmo autor, recomenda-se a leitura da **História Econômica do Ceará** (1946). Obras mais recentes, produzidas pelos setores de história, geografia e ciências sociais da Universidade Federal do Ceará devem complementar a bibliografia de Girão, particularmente as dissertações de mestrado e as teses de doutoramento.

Livros de referência e obras de caráter geral editadas no sul do país oferecem dados alusivos à arte e a artistas cearenses. Alguns desses livros foram, aliás, escritos por cearenses, tais como Herman Lima (1897-1981) e Carlos Felinto Cavalcanti (1909-1973). Todavia, deixam de ser arrolados neste trabalho, por não se incluírem propriamente no título da presente comunicação. Duas excepções devem, contudo, ser abertas.

A primeira recai sobre o minucioso **Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos – arquitetura, escultura, pintura, desenho, gravura, artes aplicadas** – organizado por Carlos Cavalcanti (cearense, acima citado, radicado no Rio de Janeiro) e editado em Brasília pelo Instituto Nacional do Livro / MEC, 1973, 4v. A segunda excepção contempla o livro de Theodoro Braga (Belém do Pará, 1872 – São Paulo, 1953), intitulado **Artistas pintores no Brasil** – para a posteridade, editado em São Paulo pela São Paulo Editora, em 1942. Essa obra apresenta longa relação de referências bibliográficas alusivas a Raimundo Cela, Reis Carvalho e Vicente Leite.

Fotografias: fontes bibliográficas para estudo

Para melhor percepção visual de obras arquitetônicas já desaparecidas, convém recorrer ao testemunho fotográfico apresentado em publicações específicas, designadamente nos chamados "álbuns":

ÁLBUM de vistas do Ceará. Nancy, Impriméries Reunies, 1908 (mais conhecido por "Álbum do Boris", por ter sido editado sob o patrocínio da Casa Boris, em duas versões, com formatos diferentes).

BEZERRA, Paulo (org.) – **Álbum de Fortaleza.** Fortaleza, Typ. Gadelha, 1931.

ENCICLOPÉDIA dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1959, v. 16, Ceará.

GIRÃO, Raimundo (org.) – **A Princesa do Norte.** Fortaleza, Rotary Club de Fortaleza, 1939.

MOURA, Benjamin Constancio de – **Proprios Estadoaes.** Fortaleza, Typ-lithographia a vapor, 1912.

SAVASTANO, N. – **Terra Cearense** / Álbum de Propaganda Geral. s/local., s/edit., 1925.

SOUSA, Eusebio Nery Alves de – **Álbum do Jaguaribe.** Belém, Empresa Graphica Amazonia, 1922.

(*) Comunicação apresentada em 19 de maio de 1989, no 2º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas / São Paulo.

(**) O Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), anteriormente, Inspetoria Federal de Obra Contra as Seccas, data de 1909.

(***) Segundo informação do professor Manuel Albano Amora, Raimundo Ribeiro era pai do urbanista José Otacílio de Sabóia Ribeiro (Fortaleza, 1903 – Rio de Janeiro, 1969). Professor nosso na antiga Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, hoje Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde era catedrático de urbanismo, Sabóia Ribeiro foi autor de um polêmico e malogrado plano de remodelação da capital cearense (1947).